



O Anglicanismo - da Inglaterra para os Estados Unidos

Dom Sumio Takatsu

É preciso dizer, inicialmente, que a Igreja não veio ao Brasil diretamente da Inglaterra. É claro que antes da Proclamação da República a Igreja da Inglaterra já se fazia presente no Brasil com capelanias no Rio de Janeiro, mas restrições ao culto somente para os cidadãos britânicos residentes no Rio de Janeiro. A iniciativa missionária, que estabeleceu a Igreja Episcopal Brasileira (hoje IEAB), veio dos estudantes do Seminário de Virgínia. Tal iniciativa, posteriormente foi encampada pela Igreja Episcopal Protestante nos Estados Unidos. As denominações eclesiais têm sua história e sua evolução.

A Igreja que veio dos Estados Unidos ao Brasil tem seus começos e raízes no período elizabetano (1559-1603) seguido da era revolucionária ou Guerra Civil (1642-60) e de restauração da monarquia e do episcopado (1660). Por volta de 1587, com a colonização da Virginia (nome dado em homenagem à rainha virgem, Elizabeth), os colonos ingleses fundaram ali uma igreja que, mais tarde, em 1789 veio a ser uma das Províncias da Comunhão Anglicana com o nome de Igreja Episcopal Protestante nos Estados Unidos.

I. DE ELIZABETH I À RESTAURAÇÃO – UMA ÉPOCA DE CONFLITOS

Isso nos leva a esboçar ligeiramente a era de Elizabeth e os períodos seguintes. Não foi um período pacífico. Os exilados estavam voltando e os que haviam dado apoio à rainha Maria permaneciam na Inglaterra. O ideal da rainha Elizabeth I era cimentar a sociedade inglesa. Mas o ideal é uma coisa e a realidade é outra. Alguns por idealismo deixaram suas funções, e não quiseram fazer o juramento de fidelidade à monarca na qualidade de Suprema Governadora da Igreja. Mathew Parker foi ordenado bispo para ser Arcebispo de Cantuária por três bispos, sendo dois deles bispos ainda do período de Henrique VIII.

Ameaças externas e internas

Nessa época, a nação e a Igreja tiveram que enfrentar duas frentes. A metáfora aqui é militar e é adequada para aquelas circunstâncias do século XVI



e XVII. A ameaça externa vinha do papado aliado com o exército espanhol e com as tentativas de conspiração contra rainha legalmente entronizada. A ameaça interna era a Guerra Civil, uma revolução que destrona a monarquia e o episcopado com a força militar. Essa revolução ocorreu após a morte de Elizabeth, mas havia fermentação revolucionária que só foi temida, mas não compreendida. Em poucas palavras, a classe média – burgueses assim denominados – estava em ascensão e insatisfeita com a situação política e social. Esses grupos eram *levellers* que advogavam a reforma política (e suas idéias foram aproveitadas pela Revolução Americana), *diggers*, *ranter*s, familistas de diferentes inspirações, sendo alguns deles um tipo de comunismo, mas anarquista. Muitos deles estavam sob a inspiração do ideal do milenarismo. Aguardavam a chegada do verdadeiro Rei dos Reis. Veremos isso posteriormente. No momento, basta dizer que a implantação da ditadura do Parlamento tinha por trás essa motivação e estavam decepcionados com o sistema rígido implantado.

O início do reinado de Elizabeth foi vivido dentro de uma lenta transição. Havia bispos e oficiais do governo do período de Maria. A escolha do arcebispo Mathew Parker e do chanceler do Reino, Cecil, sinalizou a direção que a política governamental e eclesiástica tomaria. Em 1559 houve o decreto de uniformidade, revogando os atos do período de Maria I. No período de 1555-70 não houve nenhuma prisão dos recusantes por questões religiosas.¹ Aconteceu, no entanto, que o Concílio de Trento (1549) deixou clara sua posição diante da Reforma e em seguida, Pio V assinou a Bula *Regnans Excelsis*, (1570) em que não só excomungava a rainha, mas também garantia absolvição a todos quantos desobedecessem o juramento feito a ela. Isso esclareceu a situação. O desejo papal era reconquistar a Inglaterra ao seu domínio e, para tanto, o papa recorreu a vários métodos, inclusive o uso do exército espanhol. Quem sofreu muito com isso na Inglaterra foi uma minoria católica romana, que não teve assistência episcopal contínua. Algum bispo quase octogenário do tempo mariano era enviado esporadicamente, porém os jesuítas se opuseram a isso com o desejo de ligar o papado diretamente com os católicos romanos ingleses.

Ameaça externa e a batalha naval

Nesse período, a rainha recorreu a um método outro que a guerra para conter o exército espanhol que perseguia os protestantes na Holanda. A defesa dos holandeses perseguidos foi uma das preocupações principais de Elizabeth. Uma das estratégias era contar com o apoio de Walter Raleigh, conhecido

¹ SYKES, Norman. *The English Religious Tradition*, SCM Press 1961, p.34



pirata que saqueava o fluxo do ouro das Américas, que financiava os espanhóis na guerra. Porém chegou um momento em que o Parlamento colocou uma questão séria para a rainha sobre o destino da nação inglesa. Então ela ordenou que o exército inglês atacasse o exército espanhol na Holanda. Um documentário intitulado *Descoberta da Civilização* (uma série de história da BBC de Londres) mostra a rainha nas praias encorajando o seu exército. Logo houve a tentativa de invasão da Inglaterra pela Espanha com cerca de 600 navios, mas a estratégia naval britânica foi capaz de derrotar o poderio espanhol com metade de embarcações. Com isso o perigo católico romano foi reduzido às missões dos jesuítas consideradas ilegais na época. A questão da tolerância religiosa foi algo que os povos aprenderam com muito sofrimento. No *Ato de Tolerância* (1689) no período de William e Mary (considerados protestantes) a tolerância veio constar no papel e logo depois, com o *Ato de Emancipação* os não-anglicanos puderam ocupar as funções públicas.

Ameaça interna

A frente puritana não era menos complexa e talvez fosse até um problema maior que os espanhóis. Era uma questão política, religiosa e social interna da Inglaterra, em que as instituições da monarquia e do episcopado estavam estreitamente ligadas. Com os romanos, a questão do episcopado girava em torno de quem deriva o episcopado. Os apologistas anglicanos combatiam a noção de que o episcopado deriva do papa. Já os puritanos minavam a base do episcopado. Porém a linha divisória entre os puritanos e a sua oposição não era muito clara. Muitos clérigos anglicanos eram puritanos. Por isso, houve apologistas da Igreja da Inglaterra contra o puritanismo, entre os quais se destacam Whitgift, Joseph Hall e John Bramhall. Este, por exemplo, respondeu à *Disciplina Escocesa*. Essa obra foi publicada na Holanda em 1649, quando Robert Baillie estava violentamente censurando os huguenotes franceses a legalidade de um episcopado moderado.

Joseph Hall, outro bispo, foi encarregado de escrever uma apologia da Igreja inglesa por William Laud, arcebispo de Cantuária, simpatizante de Armínio, calvinista holandês revisionista da doutrina da predestinação. Essa apologia foi apresentada ao arcebispo para que esse incluísse sugestões e foi intitulada de "A diferença de Condição das Igrejas do Exterior e os teólogos do nosso vizinho do Norte". O argumento é o seguinte: se hipoteticamente, o bispo de Genebra, na ocasião da Reforma, aceitasse a doutrina do Calvino e Farel, não seria ele o bispo naquela cidade? Então, ele cita Calvino, "se eles, os bispos, trouxessem uma hierarquia em que os bispos governassem de modo que não recusassem submeter-se a Cristo, e que dependessem de Cristo como



a única cabeça da Igreja, certamente, ninguém teria deixado de se submeter a eles". Em seguida, faz referência ao autor da Confissão da Fé que havia dito, "se os bispos papistas fossem verdadeiros bispos eu reconheceria sua autoridade não tanto quanto eles exigem, mas tanto quanto for necessário para o ordenamento do governo da Igreja". O argumento está em que as Igrejas que não adotaram o episcopado foram forçadas pelas circunstâncias, mas não que fossem teologicamente contrárias ao episcopado. Os protestantes do continente europeu tiveram mais moderação. A moderação foi um argumento da época. Se Calvino e outros estivessem na assembléia de Glasgow ou de Edimburgo eles teriam sido mais moderados no ataque ao episcopado. Os seguidores, em outras palavras, são mais rígidos do que seus mestres. Este foi o caso de Oliver Cromwell que instaurou a ditadura do Parlamento. Mas é preciso reconhecer que Cromwell fez uma proposta em que a monarquia seria preservada, porém seu poder reduzido, uma espécie de monarca-em-parlamento. Porém Carlos I demorou em sua resposta e procurou manobrar o Parlamento contra o Exército e o resultado foi sua deposição. Uma vez no governo, consta que Cromwell foi mais tolerante em questões religiosas do que seus seguidores, principalmente, em relação ao judaísmo e quacrismo, mas exigente em matéria de imposto e dízimo para as Igrejas. Assim mesmo o uso do *Livro de Oração Comum* foi proibido, mas em casas onde se reuniam em suas celebrações o pároco dizia tudo de cor. Houve perseguição esporádica. Quando Cromwell morreu, foi James Usher quem fez o sepultamento dele na Abadia de Westminster junto à Capela de Erasmo. Porém, após a Restauração seus ossos foram profanados. Foi uma época de intolerância. As apologias contra o puritanismo e Guerra Civil ou Revolução indicam que havia insatisfação com as instituições religiosas, sociais, políticas e econômicas e essa insatisfação estava sendo expressa por diversos movimentos. Porém, aparentemente os apologistas de ambos os lados estavam travando suas lutas mais na área da instituição eclesiástica.

Guerra Civil e a implantação do parlamentarismo

Nesse ambiente social, como foi dito anteriormente, o rei saiu perdendo e, do mesmo modo, o episcopado. Foi, realmente, um momento crítico e a crise continuou mesmo após a restauração da monarquia e do episcopado. A conjuntura armada para a eclosão da Guerra Civil ou Revolução de 1642, conforme a percepção de Moorman é a seguinte: de um lado, havia a fileira do monarca e do anglicanismo (representado pelo episcopado e o *Livro de Oração Comum*), e, também, autocracia e despotismo. De outro lado, havia o parlamento e puritanismo. Naturalmente, em cada lado, não faltava um bom



número de aventureiros e oportunistas, mas havia, igualmente, gente que saia para a luta por idealismo e profundas convicções religiosas e políticas baseadas na bíblia. Aqui é importante observar que o anglicanismo não estava apenas num só lado, mas muitos clérigos faziam parte do que se denominou de puritanismo. Também é bom observar o que Moorman quer dizer por "autocracia e despotismo". O rei herdava de seu pai a doutrina do direito divino do rei, isto é, que os direitos do monarca vêm diretamente de Deus, portanto, ele responde somente a Deus por seus atos. Isso entrou em colisão com o parlamento. Por parte de William Laud houve forte defesa do episcopado contra o puritanismo. Ele acreditava que sua visão eclesiológica fosse uma espécie de atualização da Igreja Primitiva. Na verdade, havia entre seus contemporâneos que encontraram nos seus estudos da história da Igreja antiga e nas Escrituras modelos plurais de eclesiologia. Um deles foi James Usher, Arcebispo de Armagh, Irlanda, que, acolhendo a reivindicações dos presbíteros e presbiterianos, propôs o que hoje os documentos anglicanos denominam de "bispo em sínodo", a inclusão dos presbíteros no governo da Igreja. Aliás essa é a eclesiologia do nosso Ordinal dos Bispos.

Laud é uma figura um tanto controversa. É considerado iniciador do movimento de Alta Igreja (*High Church*), isto é, concepção elevada do episcopado, e ritualismo. Alta Igreja não se confunde com o Anglo-Catolicismo que surgiu um século mais tarde como uma espécie de Contra-Reforma dentro do anglicanismo. A sua preocupação era com a beleza da santidade no culto, sua ordem e decência. Para tanto ele recorreu à uniformidade. Defendia o respeito às vestes litúrgicas, o uso de capa na catedral e sobrepeliz nas paróquias. Parece-nos que ele quis incentivar a celebração eucarística, mas no que se refere à frequência dessa celebração, ela ainda acontecia uma vez por mês. Na verdade, foram Wesley que, mais tarde, promoveram a celebração dominical da eucaristia. No que se refere ao espaço litúrgico, na época de Laud houve um certo retrocesso porque colocou a mesa ou altar nos fundos e colocou grades entre a nave e o santuário. Por essas coisas ele foi erroneamente classificado como romanista, mas ele se considerava "católico e protestante" e, na sua morte, disse ter vivido "a fé católica na religião protestante estabelecida na Inglaterra".² Conforme a avaliação de J.R.H. Moormann, Laud desejou que a Igreja da Inglaterra fosse "católica e reformada", nas linhas de Jewel e Hooker, excedendo a eles na expressão externa em cerimônia e ritual. Para tanto, Moormann apresenta dois fatos: embora Laud tenha sido um oponente do puritanismo e calvinismo, uma de suas obras mais influentes foi a polêmica com o jesuíta Fisher. Na verdade,

² SYKES, Norman. *The English Religious Tradition*, SCM Press 1961, p.40



quem acredita andar no meio do caminho, (via media) é visto sob diversos ângulos e rotulado com este ou aquele crachá.

O parlamentarismo instituído pela revolução veio a ser despótico e morreu pelo cansaço e opressão que o povo sofreu. E aqui convém esboçar movimentos que foram fotografados como uma "floresta" denominada de puritanismo e seitas sem que as diferenças entre "árvores" fossem focalizadas. Christopher Hill, em sua obra intitulada *Mundo de Cabeça para Baixo: idéias radicais durante a revolução*, denomina vários grupos de "revolta dentro da revolução". Alguns deles apresentaram novas soluções políticas, (por exemplo, *levellers*, niveladores) outros, soluções econômicas (*Diggers*). Várias seitas religiosas apresentaram novas soluções religiosas. Outros levantavam questões de ceticismo sobre todas as instituições e crenças da sociedade. Na avaliação de Hill, todos esses movimentos desapareceram com a exceção dos batistas e quacres, de fundo religioso, que preencheram a lacuna criada pela revolução, facilitando a mobilidade física e social com uma série de pequenas comunidades.

Diversos movimentos políticos e religiosos

Estes eram uma coalizão informal de agitadores e panfletários que, no período de 1642 a 1648, exigiram uma reforma constitucional que garantisse direitos iguais para todos perante a lei. Acreditavam que todos nascem livres e detentores de iguais direitos naturais inerentes no indivíduo e não no governo. Também acreditavam que cada qual tem a liberdade limitada só pela liberdade de outro. O título de "niveladores" veio dos oponentes. O líder deles era John Lilburne (João nascido livre), tenente-coronel do exército do Parlamento. Foi sempre radical em religião, na política, economia e reforma social. Desafiou sempre o monarca, o Parlamento e o Protetorado. Foi quatro vezes julgado. Morreu na prisão, mas da prisão enviou um panfleto, - *Acordo do Povo* - que foi amplamente divulgado pelos soldados. Abaixo, um resumo de seus ideais:

- Direito de voto para todos
- Direito contra auto-incriminação
- Liberdade de religião e da imprensa
- Igualdade de todos perante a lei
- Nenhum julgamento para o caso de vida, liberdade e propriedade senão pelo Júri
- Abolição da pena capital exceto para assassinato
- Dispensa de alistamento militar para quem se opõe por questão de consciência
- Nenhum monopólio, dízimo e imposto opressivo



Taxação proporcional à propriedade pessoal e imobiliária
Gradação da pena adequada ao crime
Abolição da prisão por dívida

O panfleto *Acordo do Povo* é uma das fontes da *Carta dos Direitos*, da Constituição Americana. O exército era um fórum de discussão democrática, onde havia gente de diferentes condições sociais e politicamente conscientes. Eles insistiam que não haveria liberdade verdadeira se o poder legislativo não fosse eleito pelo povo. Apoiavam, portanto, o movimento revolucionário puritano, mas logo se decepcionaram com a corrupção dos generais. A Quinta-Monarquia era de inspiração milenarista. A esperança desse grupo residia na vinda (mas sem especificar a data) do Rei Jesus para acabar com a corrupção e estabelecer um governo mais democrático.

Havia, também, o "movimento de família", inspirado Hendrik Nicles (1540-60), holandês, autor de "Alegre Mensagem do Reino", em que ele convida todos os amantes da verdade, de qualquer nacionalidade e religião, "judeus, muçulmanos, turcos e pagãos" numa grande companhia de paz, deixando de lado brigas sobre dogmas, procurando incorporar-se no Corpo de Cristo. Isso não se enquadrava bem no presbiterianismo dogmático da época. Consta que não sobreviveram como grupo organizado, se integrando posteriormente ao quacrismo de G. Fox. A "Sociedade de Amigos" de G. Fox, era formada por pessoas com um forte senso de individualidade unidas em torno da "luz interior".

Já foi mencionado o movimento dos *diggers*. Esse foi um movimento de comunismo agrário já conhecido na época de Elizabeth. Depois de 1660, G. Winstanley foi seu teórico. Ele escreveu a "*Lei de Liberdade*" (1652) dedicada a Oliver Cromwell. Nele o autor expressou a sua convicção de que a Revolução visava estabelecer o republicanismo, favorecer gente sem terra contra os senhores da terra e lutar contra os clérigos que pregavam o céu e o inferno. Ele advogou a tolerância religiosa universal. Os *diggers* (cavadores) eram sem-terra que invadiam as terras dos "senhores", plantavam e colhiam. Winstanley morreu Quacre. Os *seekers*, influenciados por Kaspar Schwenkfeld, da Silésia, aguardavam novos profetas que revelassem uma verdadeira Igreja. Eles negavam a efetividade dos sacramentos e apreciavam mais o silêncio e a iluminação do Espírito. Todos eles apoiaram Oliver Cromwell e o Parlamento, mas alguns, como os *diggers* foram perseguidos pelo exército do Parlamento.

Outro ponto que deve ser observado é a concepção e o lugar da Bíblia. Christopher Hill menciona vários autores dos movimentos acima indicados. Por exemplo, para Winstanley o que importa é o mistério do Cristo que se forma em nós e não no Cristo de 1600 anos atrás. Faziam uma analogia entre o Cristo em carne (histórico) e a letra da Escritura. No geral, havia uma



proposição como esta - a bíblia não é infalível, mas não há testemunho de sua falibilidade. Em termos do trinômio bíblia, tradição e razão, a inclinação seria para a razão que esclarece a bíblia. Havia muito questionamento sobre a tradição e a bíblia. Para eles a tradição seria a tradição da opressão e tem servido juntamente com a lei para a legitimação dos poderosos. Eram questões sérias. O exército e o Parlamento tomaram o poder, mas criaram uma nova tirania. Em consequência, os movimentos e seitas que os apoiaram se decepcionaram.

Era comum a prática da leitura seletiva e conveniente das Escrituras. É um tipo de método de distanciamento dos textos aparentemente irrelevantes para a situação. Recentemente, no anglicanismo nos Estados Unidos, houve um simpósio em que isso foi debatido. Toma-se por certo que as Sagradas Escrituras são a Palavra de Deus e contêm todas as coisas necessárias para a salvação. Dentro desse contexto, até que ponto devemos nos distanciar dos textos aparentemente irrelevantes para a questão do lugar da mulher e da sexualidade ou não seria o caso de ouvir os textos irrelevantes como um processo dinâmico de comunicação que se chama de tradições, onde se ouvem dissonância, protesto e revisão? (Ver ATR volume 82, ano 2000, número 4). São questões que aparecem em diversos momentos da caminhada do povo de Deus no decorrer da história. Relacionado com esse problema estava a questão da importância da liberdade de interpretação da Bíblia ou "livre exame", naquela época representada por Chillingworth e Hales, membros do Círculo de Tew, de Cambridge considerado promotores do que foi considerado anglicanismo liberal, uma contribuição muito importante para a teologia anglicana.

Outro ponto que merece destaque é a formação de pequenas comunidades, inclusive dos anglicanos por força das circunstâncias. As orações públicas eram feitas em casa de um e de outro. Essas comunidades ganharam em experiência da liderança que surge das próprias comunidades. Eram formadas por pessoas da classe emergente (comerciários e do setor terciário, que pelo seu trabalho viajavam muito). Norman Sykes denomina esse tempo de "Era do Espírito", de ênfase na obra do Espírito Santo para se ter o conselho de Deus. É claro que houve posições um tanto antagônicas. A questão girava em torno do exame da mensagem bíblica pelo Espírito ou exame do que o Espírito diz pela Bíblia.

Essa foi também a época do movimento iconoclasta. Até hoje há na Inglaterra, paróquias que foram invadidas pelo exército e por iconoclastas para quebrar ícones ou arrancar-lhes a cabeça. Essas paróquias decidiram manter os ícones sem a cabeça, para que permanecessem como testemunho de uma era. Até mesmo alguns órgãos de tubo foram removidos das paróquias.



Mesmo assim, nesse período de intranqüilidade política e religiosa surgiram compositores duradouros da Igreja como Orlando Gibbons, Henry Purcell e John Blow. São considerados músicos da renascença inglesa. Henry Purcell está depois de William Byrd, da era de Elizabeth. De Purcell as músicas mais conhecidas até hoje, "Ouve, Senhor, minha oração", "Tu conheces, ó Senhor, o meu coração" e "o Rei Davi". John Blow (1649-1708), por sua vez, compôs cerca de cem antífonas. Diga-se de passagem que, no período de Henrique VIII, Merbeck era o músico predileto, e, no período de Elizabeth, Thomas Tallis, Byrd e Thomas Morley. No século XVIII, considerado a idade de ouro da hinódia inglesa, os nomes mais lembrados são William Croft (1678-1727), William Boyce, Samuel Wesley (1766-1837), Isac Watts (1674-1748, um não-conformista que compôs cerca de 600 hinos), G. Hendel com Messias e várias antífonas e oratórios. Foi uma época em que os instrumentos até então não familiares nos cultos públicos começaram a ocupar seu lugar. Houve também discussões nas paróquias: salmodia ou hinódia? Não estamos tão distantes dessas discussões. Parece-nos que a história anda por meio de discussões e por meio de vozes que apelam por um espírito irênico.

Restauração e separação de caminhos

Com a morte do Oliver Cromwell, o general Monck se livrou do antigo Parlamento e organizou a eleição do novo Parlamento que convidou o rei Carlos II a voltar à Inglaterra. Antes de chegar a Londres o rei redigiu a *Declaração de Breda*, na qual ele concedeu a anistia a todos quantos estavam envolvidos na morte de seu pai e esboçou a liberdade de opiniões diferentes em matéria religiosa, contanto que não perturbassem a paz da nação, isto é, tolerância religiosa. Conforme Moorman, alguns dos puritanos estavam dispostos a chegar a um meio termo, aceitando um "episcopado moderado". Já dissemos que James Usher, baseado no seu estudo da Igreja Primitiva havia escrito sobre o "Bispo em sínodo". Havia certo otimismo da parte dos presbiterianos. Porém estes não sabiam que os laudianos, os bispos da Alta Igreja estavam trabalhando por quinze anos para retornar à posição anterior. Na percepção de Norman Sykes, houve, por parte dos presbiterianos, um erro político, no sentido de assegurar a inclusão deles numa Igreja nacional. Antes de discutir a inclusão eles dissolveram o Parlamento. Entrementes, os bispos voltaram à Câmara dos Lords com o rei ao seu lado. Com o *Ato de Uniformidade* em 1662, a linha divisória ficou clara. Até então os ministros ordenados nas Igrejas reformadas na Europa eram licenciados a atuar nas paróquias da Igreja da Inglaterra sem re-ordenação. Um exemplo disso foi Hadriam à Saravia (1531-1613), que, vindo de fora, teve seu ministério na



Inglaterra, colaborou na edição da Bíblia autorizada, foi companheiro de trabalho de Hooker e lhe ministrou na hora de sua morte. Essa É nesse tempo que surgiu uma outra característica do anglicanismo, "latitudinário", homens de latitude, a Igreja Ampla (*Broad Church*). Dois deles vieram a ser arcebispos de Cantuária, John Tillotson e Thomas Tennison. A relação entre ciência e religião se fortalece.

Non-Jurors

Do ponto de vista da descrição do contexto em que ocorreu a missão na América, há um ponto que deve ser mencionado. Quando o rei Carlos II faleceu, seu irmão, Tiago II (James II) foi entronizado. Era notório que ele era católico romano e a liturgia de entronização tinha de ser encurtada porque ele não queria comungar na Igreja da Inglaterra. Porém declarou-se o protetor da Igreja estabelecida. Aconteceu que editou a Indulgência dos não-conformistas e dos católicos romanos e nomeou alguns deles para posições importantes do reino. O ambiente se tornou tenso. O arcebispo Sancroft e mais sete bispos levaram ao rei o pedido de retirada desse Ato e recusaram a fazer a leitura desse documento. Isso resultou na prisão dos bispos. O julgamento deu ganho de causa aos bispos. Eles se tornaram populares como nunca antes visto. O rei teve de fugir sem abdicar e no seu lugar foram entronizados William de Orange e Mary. Alguns bispos, inclusive o arcebispo Sancroft, enfrentaram então um problema de consciência: como fazer juramento de fidelidade ao novo monarca, enquanto o anterior ainda está vivo e não abdicou. Disso surge um grupo de bispos e clérigos *non-juror*. Foi um pequeno cisma que não teve continuidade como uma comunidade independente.

Nesse tempo de intolerância e tolerância surgiram vários estudiosos como Herbert Croft, bispo anglicano, Stillingfleet, anglicano e William Penn, (Quacre). Foi nesse tempo também que surgiram sociedades missionárias como SPCK e SPG.

II. CRIAÇÃO DAS PROVÍNCIAS

A criação da primeira província anglicana fora das ilhas britânicas ocorreu com a Revolução norte-americana em 1776. Mas a existência da Igreja na América remonta ao início da colonização britânica em 1565 (na Flórida), 1579 (Califórnia) em 1583 (Newfoundland, Canadá). O estabelecimento de uma colônia na ilha de Roanoke (hoje na Carolina do Sul) aconteceu entre 1558-



1603) com o nome de Virgínia, em homenagem à rainha Elizabeth I. Entre o início da Igreja na América e a criação da Província autônoma passaram-se mais de duzentos anos. Pode-se dizer coisa semelhante a respeito das Províncias britânicas como a Igreja na Escócia, Irlanda, e no País de Gales,³ no sentido de que a existência da Igreja nesses países é muito anterior à sua formação como Igrejas nacionais, remontando, nestes casos, ao terceiro ou quarto séculos da Era cristã.

Esta parte do trabalho está baseada na obra de Robert Prichard, professor de História eclesiástica, no Seminário de Virgínia.⁴ O período de fundação da Igreja é descrito por Prichard como “Era de Fragmentação”,⁵ a qual compreende o período de 1585 a 1688. É o período que procuramos descrever na primeira parte deste trabalho. Que tipo de anglicanismo os primeiros colonos levaram à América?

Em poucas palavras, os primeiros colonos da América do Norte levaram o cristianismo do Livro de Oração Comum. Consta que as leis de 1610 em Virgínia exigiam de todos a Oração Matutina e Vespertina diariamente e o culto dominical de manhã e, à tarde, catequese.

Consta em *Princípios da Navegação* (1589), da autoria de Richard Hakluyt (1552-1616), clérigo e geógrafo inglês a declaração do governador John White feita com muito orgulho sobre o primeiro nativo norte-americano batizado anglicano, Manteo. Nesse período houve certo fervor pela conversão dos nativos. Um colono em Jamestown com o nome de John Rolfe (1585-1622) explicava o seu casamento com Pocahontas (1595-1617) como uma ocasião missionária. A primeira legislatura de Virgínia (1619) assumiu o compromisso de “converter os selvagens”. Nessa época não havia ainda o senso crítico a respeito da relação da fé com a cultura nativa.

Estava, também, associada com a colonização a missão com a finalidade de apressar a vinda do Reino. John Donne, (1573-1631) poeta e clérigo da Igreja da Inglaterra, autor de famoso poema *Homem algum é uma ilha*, em seu sermão para os membros da Companhia de Virgínia, um ramo da Companhia de Londres, pregava (em novembro de 1622) baseado em Atos 1.8, dizendo que eles tinham mais vantagem sobre os primeiros cristãos porque estes não tinham a noção da existência de Índias Ocidentais e, por isso, não podiam alcançar os confins da terra. Agora os colonos podem ser uma ponte entre os confins da terra e “aquele mundo que jamais envelhecerá, o reinado do céu”.

³ ECUSA (1784), Escócia (1811-Constituição), Irlanda (1870), País de Gales (1920).

⁴ *A History of the Episcopal Church*, Morehouse, 1991, 315pp.

⁵ 1585 marca a colonização da Virgínia (Ilha de Roanoke) e em 1688 é decretada na Inglaterra a Tolerância religiosa visando os dissidentes protestantes, os quais puderam organizar suas Igrejas.



Essa perspectiva atraiu muitos clérigos jovens vindo das universidades de Cambridge e Oxford para a América, numa época em que a maioria dos clérigos não tinha graus universitários e de pós-graduação. Também, os gerentes da Companhia de Virgínia foram rigorosos na seleção dos candidatos. Seguindo a prática na Inglaterra, os patronos financeiros das paróquias selecionavam seus candidatos e os apresentavam ao Bispo de Londres para sua nomeação nas paróquias criadas na Virgínia.

Consta que a mortalidade era tão alta que quarenta e quatro dos sessenta e sete clérigos que serviram antes de 1660 morriam depois de cinco anos de chegada à colônia. Cada paróquia foi criada com uma gleba razoável para a auto-manutenção.

No período de Tiago I a colonização se concentrou em Virgínia e o tipo de cristianismo da colônia refletia o tipo médio anglicano. Já, no período de Carlos I, começam as turbulências religiosas na Inglaterra com seus reflexos na América.

Embora o conflito em torno do episcopado e das expressões externas (vestes) não interessasse os eclesianos em Virgínia visto que o Bispo ficava em Londres e a vida ainda era muito simples (não havia espaço para vestes com ornamentos, etc.), o conflito inglês teve conseqüências profundas na vida eclesial das colônias.

Juntas Paroquiais

O efeito mais geral foi o desvio da atenção dos novos habitantes da América do Norte para adequar as instituições religiosas para novas situações. Do ponto de vista da política imigratória, Carlos I tentou revogar a concessão da Companhia de Virgínia e, não conseguindo isso, quis desviar o orçamento dedicado à imigração para outros fins, devido ao conflito com o Parlamento. A conseqüência direta para a Igreja foi a não-substituição dos clérigos enfermos ou falecidos. Ao invés de prover orçamento para fins do desenvolvimento da Igreja, o monarca convocou em 1629 um tipo de parlamento composto de duas câmaras em Virgínia para tratar do aumento de impostos. Isto foi recusado. Aproveitando a ocasião, a câmara baixa (Câmara dos Burgueses, assim denominado) adotou um plano para a substituição dos clérigos e mais tarde (1630-40) essa câmara criou legislações sobre a Junta Paroquial.

A Junta Paroquial desenvolveu-se na Inglaterra a partir do século XIII. A Junta (Vestry) era, inicialmente, uma assembleia paroquial que tratava da manutenção das propriedades. Com a resolução do Parlamento inglês em 1598, as juntas paroquiais ficaram incumbidas de cuidar dos pobres, que era o trabalho das ordens monásticas, que foram abolidas na época da Reforma.



Logo as congregações ou comunidades paroquiais inglesas perceberam que a execução das novas tarefas poderia ser bem melhor desempenhada por um grupo menor eleito pela comunidade. No século XVII, a junta paroquial ficou encarregada de realizar os trabalhos hoje feitos pelo governo municipal.

Os puritanos ingleses perceberam que a junta paroquial em desenvolvimento seria um veículo muito eficaz para os leigos terem sua participação na autoridade. A mesma percepção tiveram as juntas na Virgínia. Por volta de 1630, as juntas elegiam seus reitores e a nomeação vinha da parte do governador. Mais tarde (1643) essa prática foi oficializada. Também, a relação entre o reitor e a junta foi modificada na Virgínia. Seguindo o costume da Inglaterra, a designação do clérigo numa paróquia era vitalícia, e ninguém podia dissolver essa relação, exceto nos casos previstos em Cânones (má conduta). Porém, em Virgínia foi induzida uma modificação no sentido de que, na vacância, a junta não levaria o assunto ao governador, e, ao invés disso, fazia contratos anuais com os clérigos. Na maioria dos casos, houve praticamente vitaliciedade.

Após a criação da Província da Igreja Episcopal, esse princípio adotado na Virgínia foi incorporado nos Cânones de modo que a eleição de um reitor viesse a ser feita pela junta e homologada pelo bispo diocesano, tendo a possibilidade da dissolução do relacionamento pastoral, em casos de conflito com a arbitração do bispo.

Além desses efeitos negativos e positivos, no reinado de Carlos I houve concessões para colonização de outras partes da América do Norte por outros grupos religiosos. Por exemplo, os que favoreciam uma política congregacional e presbiteriana receberam a autorização para fundar colônias na nova Inglaterra e Connecticut. Esses eram mais numerosos do que os da Virgínia. Seguindo sua eclesiologia, admitiam às suas congregações apenas os que tiveram a experiência da conversão. Entre duas colônias havia a colônia da nova Holanda, hoje Nova York. Também, os que vieram para a nova Inglaterra eram os da Anglia Oriental, na Inglaterra e os de Virgínia vieram da parte norte da Inglaterra e seus clérigos tinham muita afinidade com seus paroquianos. Outros que divergiam da política episcopal, presbiteriana e congregacional entraram em Rhode Island, aproveitando a confusão que existia na Inglaterra.

No tempo de Carlos I e Tiago I, simpatizantes da Igreja papal muitas autorizações foram concedidas para diferentes grupos religiosos, visando relaxar as restrições feitas aos católicos romanos. Por isso, um grupo de católicos romanos abastados foi autorizado a emigrar para Maryland. Também, nessa época os Quakers (William Penn) entraram na Pensilvânia. Nesse período a população anglicana se restringia à Virgínia, Bahamas e Bermudas e



era menor do que os presbiterianos, congregacionais e batistas. Os católicos romanos eram uma minoria.

Com referência aos nativos, a iniciativa de incluí-los à comunidade dos colonizadores por meio de Batismo foi frustrada no reinado de Carlos II e Tiago II. A relação entre os nativos da área costeira e os imigrantes era pacífica e até amistosa e houve muitos batizados. E eles consideravam novos habitantes seus aliados contra as tribos do interior, mas à medida em que foram empurrados para o interior, a situação mudou.

Houve, posteriormente, a proibição de casamentos inter-raciais. Também houve quem lutasse contra legislações injustas. Um deles era Morgan Godwin, clérigo inglês que exerceu reitoria numa das paróquias de Virgínia. Ele entrou em conflito com a justa paroquial e achou bem voltar à Inglaterra após cinco anos de trabalho. Em 1680 escreveu em Londres, *Advocacia em favor dos negros e índios*. Em muitos lugares, onde havia oportunidade não deixava de insistir com a sua defesa dos negros e índios. Em síntese, o autor combateu o preconceito e discriminação, porém não foi ouvido.

Foi nessa época que a intolerância religiosa levou, em Londres, William Penn (Quaker) ao tribunal, acusado de conspiração. Consta que o juiz quis instruir o júri a condená-lo por conspiração. Mas, na realidade, ele apenas gritava na rua da Igreja da Graça. Por isso, o júri veio com o veredicto: culpado de falar alto, (gritador, ranter). Parece-nos uma ironia da história, o gritador vir a ser líder da comunidade do silêncio. O juiz continuava a pressionar o júri com a ameaça de privação de alimentos. Depois de várias tentativas, o júri veio com o veredicto: inocente. Todos eles (Penn e os jurados) foram parar na prisão.

William Penn er filho de um almirante inglês. Estudou em Oxford e lá se converteu ao Quakerismo. Como dívida não paga ao seu pai ele recebeu glebas em Pensilvânia e mudou-se para lá com os Quakers. Voltou à Inglaterra mais de duas vezes para a defesa dos Quakers. O episódio acima mencionado ocorreu num desses retornos, quando foi acusado de conspirar contra o rei tomando o partido de um monarca na Escócia.

Esse período, como descreve Robert Prichard, foi marcado pela fragmentação do cristianismo e intolerância religiosa e outras. Por outro lado, sempre houve vozes proféticas e visão do reinado de Deus.

O período seguinte foi benéfico para a Igreja na colônias. Robert Prichard denominou-o de "Idade da Razão" (1688-1740). Nessa época houve um desenvolvimento considerável da Igreja nas novas colônias embora contrastado com o reavivalismo, religião mais da emoção que é assinalada com a chegada de G. Whitefield na América.



Royal Societies – Grupos de erudição e nova ciência

Em 1649 na Universidade de Oxford teve início uma organização informal onde os intelectuais, experimentaram a “satisfação de respirar um ar livre, conversar uns com os outros em silêncio, sem a necessidade de se envolver em paixões e iras da época”. Em meio à guerra civil e debates dogmáticos, esses intelectuais discutiam assuntos de interesse comum. Mais tarde, Carlos II (1662) concedeu a essa organização um alvará com o título de *Royal Society*. Dela participaram os que estavam insatisfeitos com a antiga ciência que se preocupava com a defesa dos dogmas da Igreja Medieval. Faziam parte desse grupo o químico Robert Boyle (1627-1691), o astrônomo Edmund Halley (1656-1742), o filósofo John Locke (1632-1704), o matemático Isaac Newton (1642-1727), o Bispo de Rocheste, Thomas Sprat (1635-1713), o Bispo de Salisbury, Seth Ward (1618-1689), o Bispo de Chester John Wilins (1614-1712) e o arquiteto Christopher Wren (1637-1723), que foi o responsável pela arquitetura da atual Catedral de St. Paul, em Londres. Essa catedral data do século XII ou XIII, e havia sido destruída por um incêndio e reconstruída seguindo o desenho elaborado por Christopher Wren.

Na época de Carlos II houve o início da guinada no peso da autoridade do dogma e da instituição para a racionalidade. Ciência, religião e teologia começaram a ser julgadas com o critério da razão. Na Universidade de Cambridge e na Faculdade Emanuel entre os descendentes dos puritanos surgiu um grupo de teólogos que teve forte influência na Igreja da Inglaterra e das colônias americanas. Eles foram denominados de platônicos, e acreditavam que ciência e religião não eram antagônicas. A grande paixão mística e a procura rigorosa do saber podiam caminhar juntas. Esses homens de Cambridge foram chamados, também, de homens de latitude. Daí vem a expressão “bispos latitudinários”, porque alguns bispos de dioceses importantes vieram desse grupo, inclusive dois Arcebispos de Cantuária: John Tillotson (1630-1694) e Thomas Tenison (1636-1715). No geral, essas pessoas influentes mostravam grande amplitude mental. Cansados de controvérsias, enfatizavam a bondade e a retidão e tinham alergia às paixões e êxtases. Claramente pendiam para o lado intelectual e não para o lado emocional. J.R.H. Moorman considera muitos deles, em contraste com os seus mestres de Cambridge, um tanto seguros de si mesmos faltando-lhes humildade.

Entre eles estava Henry Compton, (1632-1713) o qual antes de ser o Bispo de Londres (1675) foi capelão do Carlos II e responsável pela educação da futura rainha Ana. Esse fato e outros estavam gradualmente levando à expansão da Igreja na América. Em 1684, Carlos II revogou a carta patente ou autorização da colônia de Massachussets e das Bermudas, tornando-as



colônias da realeza. William III tornou Maryland como sua colônia. Nessa época o governador enviado pela coroa quis passar uma legislação em Nova York no sentido de prover o sustento dos clérigos anglicanos. Porém esse plano foi frustrado pelos membros não-episcopais da câmara municipal daqueles dias. Qual foi o efeito dessas revogações da carta patente das colônias?

Tudo indica que onde os não-anglicanos eram a maioria e havia dificuldade de entrada de imigrantes de origem anglicana surgiu a possibilidade de implantar pequenas congregações anglicanas.

No tempo da rainha Ana houve doações de glebas consideráveis para a implantação de paróquias como a Trindade, em Nova York e em alguns estados. É interessante observar que essas doações vieram dos fundos originários do confisco dos mosteiros no tempo de Henrique VIII. Na Inglaterra a rainha organizou trabalhos sociais e socorreu os clérigos pobres aumentando seus salários com esse fundo.

No tempo da William e Mary, o Bispo de Londres, Henry Compton, nomeou comissários para tratar dos negócios da Igreja na Virgínia. Um tal de James Blair foi enviado à Virgínia e lá organizou o sistema que mais tarde veio a ser chamado "concílio diocesano". Blair fundou a Escola William e Mary (hoje uma universidade muito respeitada da Igreja), Muita gente famosa e influente na Inglaterra (entre as quais contava o cientista Robert Boyle) apoiou essa iniciativa que preparava os filhos de anglicanos para o ministério ordenado.

Porém, o comissário real carecia de autoridade canônica. Por isso, os anglicanos norte-americanos começaram exigir a presença do episcopado na América. Cerca de quatorze clérigos de Nova York, Nova Jersey e de Pensilvania enviaram um deles à Inglaterra em 1706 para fazer o movimento no sentido de se ter o episcopado na sua terra e não em Londres. Mais tarde esse apelo chamou atenção da rainha Ana, a qual instruiu seu ministro principal para preparar uma legislação no sentido de ter o episcopado na América. Porém sua morte frustrou esse plano.

O clamor americano pela presença do episcopado, porém, não cessou. Houve pedidos com assinaturas por parte de Pensilvania, Nova York e Maryland dirigidos aos bispos e arcebispos da Inglaterra. Esse movimento despertou o interesse, por exemplo, de George Berkley, filósofo e, mais tarde bispo, que chegou a viajar em visita à América do Norte.

Surgimento das sociedades missionárias: SPCK e SPG

Entre os comissários reais estava Thomas Bray, que foi enviado a Maryland. Este também ajudou organizar a Igreja ali. Sua contribuição foi mais



na área educacional. Devido à sua capacidade intelectual, Bray chamou a atenção do Bispo Compton. Em Oxford, avançou rápido em seus estudos e terminou o curso antes de alcançar a idade canônica para a ordenação. Enquanto aguardava a ordenação escreve *Preleção Catequética*, que se tornou muito popular. Depois de chegar a Maryland ele percebeu que um dos problemas principais da Igreja nascente era educacional. Por isso, ele fundou uma sociedade missionária cuja missão consistiria na promoção do conhecimento e literatura cristãos. Essa sociedade foi fundada com o nome de SPCK em 1698 e contou com a contribuição financeira da rainha Ana fez contribuição. Até hoje a rainha Elizabeth II é patrona dessa sociedade.

Com a ajuda dos bispos e outras personalidades, Bray fundou cerca de quarenta bibliotecas com livros da ciência e da religião. Esse esforço de suprir as paróquias, enfim, a Igreja nascente com instrumentos educacionais foi fruto daquele movimento que começou na Universidade de Oxford e de Cambridge. O Bispo Compton fazia parte daqueles que foram denominados "latitudinários".

Com a impossibilidade de receber o sustento por parte da Câmara Municipal de Maryland, Bray escreveu *Visão Geral das Colônias Inglesas na América Com Referência à Religião*, apresentando a condição precária da Igreja com um quadro estatístico. Esse livro chamou atenção dos anglicanos na Inglaterra e Bray e outros receberam a carta patente para formar uma sociedade missionária para as terras fora da Inglaterra. Essa sociedade se denominou de SPG, Sociedade de Promoção do Evangelho (essa sociedade e outra chamada de Missão das Universidades para a África Central se fundiram em USPG, em 1965).

O primeiro missionário recrutado por essa sociedade foi um ex-Quaker, George Keith (1638-1716). Na sua viagem para a América convenceu o capelão do navio, John Talbot (1645-1727) a viajar pela América. Enquanto Quaker ele foi professor na Escola dos amigos na Filadélfia. Como convertido ele tinha certo ardor pelo anglicanismo e até entrava em controvérsia com os de outras Igrejas. Na Universidade de Harvard ele debateu a questão da predestinação com os presbiterianos. A SPG concentrou-se mais na Nova Inglaterra e Carolina do Sul, porém enviou missionários para a Virgínia e Maryland e durante a Guerra de Independência apoiou alguns trabalhos na Virgínia e em outros lugares. Os missionários trabalharam com a maioria branca, mas também com os negros e nativos. Harry e Andrew, evangelistas negros foram sustentados por essa sociedade missionária. Nessa época a SPG foi para Bermudas, Índias Ocidentais e Nova Escócia.

As instruções dadas pela SPG estavam razoavelmente de acordo com o anglicanismo da Era da Razão. "Os missionários devem trabalhar com os princípios da religião natural apelando para sua razão e consciência e daí proceder para a demonstração da necessidade da Revelação e certeza contida



nas Escrituras". Em outras palavras, a intenção dessa política missionária consistia em enraizar o Evangelho na cultura da época, o que hoje chamamos "inculturação".

No que se refere à teologia em geral na Inglaterra, os anglicanos de todos os tipos e os não-anglicanos explicavam sua fé com o uso da comparação entre os dois Testamentos, ou a Aliança (Pacto) do Antigo Testamento e do Novo Testamento. Em outras palavras, Deus tomou a iniciativa de estabelecer o relacionamento com a humanidade. As pessoas, por sua vez, também tinham responsabilidades nessa aliança. Em síntese, Deus fez a promessa do perdão dos pecados e da vida eterna, mas a aceitação desses dons implica em arrependimento e fé em Cristo. O Batismo é o sinal visível desse Pacto ou Aliança. Por isso adotamos no *Livro de Oração Comum*, o termo "Aliança Batismal". Nessa época, o que se denomina de Justificação pela graça e fé era comum no cristianismo inglês.

Porém, nessa teologia da Aliança batismal, Bray e outros inseriram a necessidade de incluir a sucessão apostólica dos ministros ordenados. Em poucas palavras, era preciso receber essa Aliança por meio do ministério ordenado na sucessão apostólica. É claro essa forma de argumentação surgiu depois da amarga experiência do ostracismo do episcopado e do *Livro de Oração Comum* que os anglicanos sofreram na Inglaterra. Na época, Bray e outros, preocupados com a consolidação do episcopado restaurado raciocinaram dessa forma. Por outro lado, os não episcopais na Inglaterra procuraram a sua própria consolidação. Naturalmente, o clima era tenso. Digase de passagem, como observa Prichard, a teologia do Pacto e da eclesiologia da sucessão apostólica e sua controvérsia não tiveram repercussão entre os negros e nativos. É possível que a ressonância das controvérsias eclesiásticas era alguma coisa muito distante dessa população. Uma coisa é para os que sofreram essas controvérsias na carne e vieram ao novo mundo. E para quem não passou por essa experiência essa forma de raciocínio teológico não tinha sentido.

A recepção do cristianismo anglicano na América não foi fácil onde a Igreja era minoritária. Havia sempre algum tipo de controvérsia. Na Nova Inglaterra, a pedido de membros anglicanos minoritários a SPG começou sua obra. Inicialmente, a maioria dos anglicanos era gente pobre e desprivilegiada. Dois terços deles residiam em áreas rurais. Os congregacionais se constituíam em Igreja estabelecida naquela área. Os imigrantes holandeses também sentiam a falta de acolhida nas Igrejas congregacionais e foram admitidos nas congregações anglicanas em formação. Em Nova York, os primeiros convertidos eram holandeses que freqüentavam as escolas para os pobres organizadas pela SPG, onde receberam a educação geral, inclusive, as instruções sobre o Livro de Oração Comum.



Por volta de 1722 os anglicanos entraram, pela primeira vez, na elite social e intelectual da Nova Inglaterra. Em consequência disso, sete membros do corpo docente de Yale (hoje uma famosa universidade) e alguns estudantes enviaram um manifesto à Junta da escola pondo em dúvida a validade da ordenação não-episcopal. Entre eles figurava o reitor da escola. Todos eles eram da Igreja Congregacional. Quatro deles foram à Inglaterra para serem reordenados. Um deles morreu de sarampo, mas três voltaram designados para servirem em paróquias estratégicas em Boston, em Nova York e Connecticut. Um deles, Samuel Johnson serviu como o primeiro presidente do King's College (hoje Universidade Columbia) entre 1754 e 1763.

Os amigos de Thomas Bray fundaram, após a sua morte, outra sociedade missionária dedicada especificamente aos negros americanos em 1730. O propósito consistia na evangelização dos negros e sua educação. Assim, essa sociedade missionária fundou e manteve escolas para negros na Filadélfia, Nova York, Williamsburg, Fredericksburg, Virgínia, Newport e Rhode Island. Tudo indica que a sociedade as escolas funcionaram bem até Revolução Americana. Também, nessa época as mulheres atuavam como professoras das escolas. Após a Revolução, os fundos na Inglaterra foram dirigidos para as sociedades filantrópicas.

Todos esses esforços missionários tiveram seus frutos. Por volta de 1724, quando o Bispo Edmund Gibson, de Londres, enviou um questionário aos clérigos na América percebeu-se que houve uma melhoria considerável na Igreja em relação ao que Thomas Bray havia escrito. Bray havia observado que havia apenas 85 paróquias e a maioria deles em Virgínia e Maryland. O levantamento feito por Gibson encontrou 161 paróquias ou locais de adoração desde a Carolina do Sul até Massachusetts. E a estatística demonstrou que as igrejas estavam cheias. Em Virgínia e Maryland a maioria da população participava da liturgia e aproximadamente 15% da população recebiam a comunhão regularmente. Na época isso representava numericamente três vezes mais que toda Diocese de Oxford.

Sydney E. Ahlstrom em sua obra *Uma história religiosa do povo americano* registra que, em muitos lugares, leitores leigos ou ministros leigos serviam as comunidades. Ele também nos informa que, na Carolina do Sul, o padrão da Igreja era mais elevado no sentido de que as congregações, em geral, demonstravam uma alta espiritualidade, que muito impressionou John Wesley nas suas visitas.

O Grande Reavivamento americano (1740-1776)

Essas datas marcam o início do reavivamento que, de um modo ou de outro, teve influência na Igreja e na própria Declaração de Independência, que



levou a Igreja da Inglaterra na América a organizar-se como Província ou Igreja Nacional.

O reavivamento havia começado na América antes dessa data com um congregacional de nome Jonathan Edwards, cujas obras são consideradas clássicas nos estudos das experiências religiosas norte-americanas. No entanto, esse reavivamento recebeu um grande impacto e impulso com a chegada de George Whitefield. Para a Igreja da Inglaterra na América, a presença desse clérigo criou uma tensão sem precedente, que exigiu e exige, hoje também, discernimento salutar e lições a tirar. Por que a tensão? Entre várias coisas que criaram a tensão estava um fator importante: ele era um clérigo da Igreja da Inglaterra influenciado pela teologia calvinista. Até ali não havia novidade alguma. Antes de 1740 ele havia estado na América do Norte mais de uma vez para visitar e apoiar a obra de um orfanato. Por isso, sua chegada em 1740 foi um evento celebrado com muita festa pelos anglicanos norte-americanos. No entanto, no momento em que ele começou a pregar começou a controvérsia porque sua pregação demonstrava um contraste marcante com o que estava em processo nas paróquias.

Com Thomas Bray, entrou na teologia das paróquias a teologia do Pacto ou da Aliança que estava em uso na Inglaterra, baseado na Escritura do Antigo Testamento e do Novo Testamento. Tudo indica que essa Aliança fazia parte da pregação de Whitefield. Mas a diferença entre a tradição que Bray deixou e a mensagem trazida por Whitefield consistia no modo como se processa a renovação da Aliança a partir do Novo Testamento em qualquer tempo e em qualquer época. Para a teologia vigente entre os anglicanos na América do Norte e em qualquer outro lugar, a renovação se dá pelo Batismo e pela Eucaristia. Pelo Batismo, uma pessoa vem fazer parte do Corpo de Cristo. Isso implica na conversão. E a conversão significa retorno a Deus, voltar para Deus e seguir a Jesus Cristo. E o conceito da conversão ou novo nascimento está sujeito a interpretações diversificadas. Em cada ato batismal a Igreja renova a sua Aliança com Deus e em cada celebração da Eucaristia renova o Batismo.

Tudo indica que G. Whitefield concentrou-se na conversão pessoal e dramática e atacou na teologia vigente (inspirada em Thomas Bray) a liturgia e a ordenação episcopal. O modo como ele pregava expressava sua pessoa dramática e personalista. Ele apelava para as emoções. Toda a retórica era voltada para tanto. Para ilustrar a conversão pessoal ele buscava exemplos na sua vida. Tinha um esboço biográfico publicado nos jornais.

Whitefield era filho de uma viúva, dona de uma bodega em Gloucester, na Inglaterra. Quando criança era "viciado em mentiras, conversas e gestos sujos". Com o novo casamento da mãe ele pode voltar à escola e foi estudar na Universidade de Oxford como bolsista. Ali ele fazia parte do "Clube Reformador" ou "Clube Santo" ou "Metodistas", por causa da busca sistemática



de santificação. Essa sociedade ou grupo era liderada pelos irmãos Wesley. Conforme o depoimento de Whitefield, ainda enquanto convivia com os metodistas não tinha certeza da salvação até que houve uma conversão emocional e definitiva.

Pode-se imaginar como eram seus sermões. Em contraste com o padrão vigente da época, o seu sermão não era escrito e apelava muito para as emoções. Já a maioria dos clérigos da época pensava em educar a mente dos ouvintes com determinado raciocínio, sem suscitar paixões. Por isso, eles liam os sermões bem preparados sempre fixos no texto. G. Whitefield acreditava no seu método e consta que pregou dezoito mil vezes em toda sua vida de ministério, na Inglaterra, Escócia, Irlanda e América.

Dissemos, inicialmente, que a chegada dele por volta de 1740 como clérigo e pregador criou tensão para a Igreja nas colônias. A tensão quer dizer, ao mesmo tempo, certa atração e rejeição. Com os pontos divergentes salientes - como o descaso pelo Livro de Oração Comum - os dois sacramentos básicos e a ordenação episcopal - foi inevitável a sua rejeição. Os comissários (os legados ou representantes do Bispo de Londres nas colônias) proibiram Whitefield pregar nas paróquias. Só John Blair de Virgínia lhe deu permissão.

Com seu característico personalismo, G. Whitefield fez ataques pessoais ao Bispo de Londres e Arcebispo de Cantuária, figuras estimadas. E isso contribuiu, também, pela sua rejeição.

O ponto de atração foi sua ênfase nas emoções e sentimentos. Isto não significa que o método anterior de educar a mente sem suscitar paixões não tivesse efeito. Mas certamente houve quem quisesse fazer uma guinada na direção do emocionalismo. Grosso modo, uma reação mais amadurecida ocorreu no período entre a quinta (1754-55) e sexta visita (1763-65) desse clérigo. Houve quem deixasse a Igreja e seguisse G. Whitefield. Nos relatórios feitos à SPG houve muitas queixas da parte de Pensilvânia e Maryland de perda de paroquianos.

Whitefield foi mais aceito entre os batistas. Entre os presbiterianos e congregacionais houvesse, talvez, mais terremotos ligeiros do que qualquer coisa. Houve cisões entre os que desejavam preservar as doutrinas tradicionais da Igreja Presbiteriana, por exemplo. Na Nova Inglaterra e em Nova Jersey houve um efeito positivo para os anglicanos no sentido de crescimento e união em reação contra Whitefield. Em Nova Jersey, no período da presença de Whitefield o número de paróquias anglicanas tradicionais dobrou. A reação contra o reavivalismo teve efeito salutar. Grande parte da explicação desse crescimento esteja, talvez, nestas palavras de alguns leigos: "muita gente está cansada desse entusiasmo e se a porta for aberta, muita gente se refugiará em nossa Igreja fugindo do erro e da desordem".



Preocupação educacional como reação positiva

O crescimento resultante do anti-reavivalismo teve efeito colateral positivo, na avaliação de Robert Prichard. Foi a preocupação anglicana com a educação. Para reagir ao cristianismo centrado no emocionalismo era preciso uma educação sólida. Em consequência disso, houve um movimento para conseguir autorização da realeza e fundar o *King's College* em Nova York (hoje Universidade de Columbia). Dois terços da Junta administrativa eram anglicanos e leigos. Os clérigos anglicanos eram a maioria no corpo docente. Samuel Johnson, congregacional em Yale e convertido ao anglicanismo veio a ser o primeiro presidente.

Johnson havia sido convidado a ser o presidente do Colégio de Filadélfia, o segundo a ser fundado, mas optou por ir para o *King's College*. Em consequência disso, William Smith, clérigo anglicano de Aberdeen (Escócia) aceitou a reitoria. Na verdade, Benjamin Franklin havia assegurado a autorização da realeza para a fundação desse colégio, mas foi William Smith que, finalmente, deu-lhe impulso. Também, com o apoio dos dois terços de anglicanos da Junta Administrativa iniciou-se a prática da Oração Matutina e Vespertina, todos os dias na Escola. Nos dois casos os reitores eram anti-reavivalistas. Em Yale (hoje universidade com o mesmo nome muito respeitada e a sua faculdade de teologia é muito forte nos estudos da Bíblia), de base congregacional, cinco por cento dos estudantes vieram a ser ordenados na Igreja. Tanto assim que o reitor Thomas Clap proibiu os estudantes de freqüentar uma paróquia episcopal da vizinhança, mas não teve efeito. Em pouco tempo, em 1770, o número de estudantes anglicanos cresceu tanto que foi criada uma capelania específica para os estudantes episcopais em Yale.

Reavivalismo anglicano

Como já foi dito anteriormente, entre a quinta e a sexta visita de Whitefield, houve sinais de interesse pelas paróquias anglicanas pelo movimento reavivalista. O interesse foi demonstrado pelos clérigos jovens. Um deles era um clérigo irlandês enviado pela SPG, chamado MacClenachan. Enquanto trabalhava na Filadélfia ajudando um velho representante (comissário) do Bispo de Londres, fundou uma comunidade de gente interessada na conversão pessoal. O comissário Jenney o proibiu de pregar na Paróquia de S. Paulo, ele e o grupo de leigos foram reunir-se no capitólio estadual e logo construíram uma grande igreja. Outro clérigo jovem se uniu a esse movimento e quando Whitefield chegou, o sucessor de Jenney, Richard



Peters, que outrora se opusera vigorosamente a Whitefield, o recebeu amistosamente. Whitefield aceitou o convite. Qual interesse de Peters? Mais tarde, ele mesmo refletindo sobre o evento concluiu que sua decisão de convidar Whitefield para não criar mais divisões, mas ao invés disso, para unir as pessoas, foi correta. E prosseguiu dizendo que o pregador usou a moderação, muito mais do que noutras vezes.

Aqui há algo a ponderar. Conforme Robert Prichard, os jovens clérigos adotaram a doutrina do novo nascimento e defesa de pequenos grupos de Whitefield sem adotar a crítica da liturgia e do ministério anglicanos como ele fez anteriormente. O novo nascimento equivale à ênfase da experiência pessoal e, no caso de Whitefield, implica no apelo aos sentimentos e emoções. Pelo relato anterior mencionado houve crescimento da Igreja dando ênfase à dimensão intelectual e a acolhida de uma dimensão até ali não valorizada, e não o abandono da tradição, e da racionalidade. O que prevaleceu foi o senso de comunidade conforme a decisão tomada por Richard Peters. É claro que não foi alguma coisa idealmente harmoniosa. Houve, sim, conflitos, no entanto, o senso da comunidade prevaleceu, no fim.

Também é interessante observar que a identidade anglicana em processo (nunca deve ser estática) se revelou e se fortaleceu. Se tomarmos, por exemplo, o Quadrilátero de Chicago-Lambeth (1866 e 1888), - plataforma de unidade cristã na visão anglicana em diálogo com as Igrejas, (e ela vale, também, para fins internos) - também como denominador comum mínimo de sua identidade, a acolhida daqueles elementos acima mencionados abriu espaço para alguns da mesma casa, sem perder a identidade. A liturgia (dois sacramentos básicos) e o episcopado histórico e as Escrituras e Credos (estes não eram problemas) - os quatro pontos mostraram-se como naturais para os anglicanos tocados pelo reavivalismo. Além disso, houve efeitos positivos no que se refere à fundação de escolas importantes como reação, e o papel da liderança leiga foi enaltecido com os pequenos grupos.

Há outro ponto importante que Prichard observa. Ele faz uma comparação entre o movimento dos Wesley e o de Whitefield. Os metodistas construíram uma estrutura que não dependia de uma só pessoa. John Wesley, por volta de 1746, criou uma hierarquia funcional com "líderes de classe" que presidiam sobre uma dezena de pessoas, "pregadores leigos" que conduziam um agrupamento dessas classes e "superintendentes" liderando sociedades compostas de várias classes ou grupos. Mas no caso de Whitefield, após sua morte o seu movimento desapareceu, porque estava centrado em sua pessoa, ao passo que o metodismo teve continuidade até hoje. Então, a dimensão institucional não é alguma coisa descartável. O que se deve perguntar sempre é: até que ponto a dimensão institucional da Igreja serve ao reinado de Deus e ao seu Evangelho. Para nós o Quadrilátero de Lambeth funciona como



arcabouço institucional da mediação do Evangelho do reinado de Deus e do seu serviço diversificado.

Crescimento do papel da mulher na Igreja

O reavivamento teve efeitos também na composição dos membros da Igreja. Na era da predominância da "latidade" a escolaridade feminina era baixa em relação aos homens. O "latitudinarismo" com ênfase no apelo ao intelecto não alcançou as mulheres em geral. Com mais ênfase nas afeições e com as reuniões de oração nas casas, novas oportunidades foram propiciadas para as mulheres.

Um exemplo disso foi Martha Laurens Ramsey (1759-1811) que, na paróquia de S. Felipe, em Charleston, descobriu que a sua fé foi reavivada e sentiu que as portas foram abertas para um mundo de grandes possibilidades. Entrou em contacto com uma inglesa piedosa, a Condessa de Huntingdom (1707-1791) e começaram a publicar uma revista de espiritualidade voltada às mulheres.

Crescimento dos negros na Igreja

Nessa época houve crescimento na missão aos africanos trazidos à América como escravos. Em 1741 a SPG havia comprado os escravos convertidos (libertando-os após a aquisição) Harry e Andrew para servir como evangelistas entre os negros na Carolina do Sul. Por volta de 1745, o clérigo da Paróquia de Cristo, na Filadélfia vendo o crescimento da **membresia** negra solicitou à SPG um "supervisor" do trabalho entre os negros. Então essa sociedade missionária enviou à Inglaterra para ser ordenado, um recém formado pela Yale Hugh Neil. Este voltou para a América e trabalhou até 1762, dez anos antes de sua morte. Por volta de 1750, Hugh Neil batizou 162 negros na sua paróquia em Delaware.

Prichard conclui que o trabalho mais eficaz com os negros ocorreu nas paróquias influenciadas pelo reavivalismo anglicano, isto é, no período em que as poeiras levantadas por G. Whitefield baixaram e houve melhor avaliação e apelo à afeição e não ao emocionalismo aberrante. Assim, nesse período houve o lançamento de pedras fundamentais do trabalho feminino e negro na Igreja.

Também, nesse período as barreiras geográficas denominacionais foram abaladas. Antes o anglicanismo era predominante no sul e no norte e no meio predominavam os não-anglicanos. Agora os batistas e presbiterianos foram



para a Virgínia enquanto o anglicanismo cresceu muito em Nova York, e Massachusetts.

Formação de Concílios ou Sínodos e a exigência do episcopado na América

A presença de G. Whitefield teve seu efeito positivo em relação à dimensão institucional e organizacional da Igreja. Com seu ataque ao *Livro de Oração Comum* e ao episcopado, a Igreja sentiu a necessidade de ter alguém que focalizasse a autoridade pastoral. A presença do comissário era insuficiente. Por isso, houve movimentos para solicitar a presença do episcopado na América. Na verdade, do ponto de vista formal, a Igreja não estava sem o episcopado. Só que o ministério episcopal era exercido lá de Londres. O elo de ligação entre Londres e América era feito pelos comissários. Para a ordenação, os candidatos tinham de viajar para a Inglaterra, correndo riscos de vida durante a viagem. Isso, na prática, era o mesmo que não ter episcopado. A coisa era séria.

É interessante observar que entre os mais fervorosos peticionários constavam os “convertidos” de Yale (da igreja congregacional). As reuniões para redigir os pedidos para a criação do episcopado americano serviram colateralmente para tratar de muitos outros assuntos. Essas reuniões ocorriam com regularidade. Samuel Seabury, primeiro bispo norte-americano secretariou, pelo menos, duas reuniões.

Como não havia a separação entre Igreja e Estado, os presbiterianos William Livingston (1723-90) e Francis Alison (1705-79) criticaram os planos para a criação do episcopado na América e os frustraram. Isto nos mostra que, em nível governamental, a despeito da Igreja da Inglaterra ser Igreja oficial, havia participação de membros de outras Igrejas e os planos relacionados com a Igreja oficial podiam ser frustrados, ou, pelo menos, a relação Igreja-Estado era muito mais complexa do que se possa imaginar.

Arquitetura e música

Prichard observa que a forma arquitetônica predominante até então tinha dois focos: altar e púlpito.

Depois do reavivalismo anglicano as novas construções começaram ter um púlpito enorme, como sinal da ênfase na Palavra. Mas no século XIX houve muitas lamentações a respeito do púlpito, que fazia sombra à Mesa do Senhor.



No que se refere ao Hinário, o reavivalismo trouxe o uso dos hinos de produção mais recente e contemporânea. As inovações musicais dos metodistas marcaram permanentemente o hinário da Igreja Episcopal na América. No Hinário oficial de 1826 (212 hinos), quatorze hinos eram da autoria de Charles Wesley. Diga-se de passagem que se pode dizer que os hinários anglicanos, no geral, são mais ecumênicos do que quaisquer outros documentos anglicanos. Um exemplo disso foi a liturgia funeral da Princesa Diana. Como foi dito pela BBC, um dos hinos (música) era da autoria de J.B. Dykes, um clérigo presbiteriano norte-americano; outro da Igreja Ortodoxa e ainda um outro de S. Francisco de Assis. Mas essa abertura para os novos hinos teve, também, seus conflitos e custos. Houve resistência e proibições aos novos hinos. Até então os Salmos e o Te Deum eram mais hinos conhecidos. Na Virgínia, Archbild McRoberts foi disciplinado por cantar em sua paróquia hinos não autorizados. Em Maryland, William Briscoe Jr também foi disciplinado pelo mesmo motivo.

Guerra Civil americana

A guerra civil teve o efeito de levar a Igreja Episcopal a se esquecer, pelo menos, momentaneamente, das divergências entrincheiradas em partidos eclesiais e a refletir sobre as posições firmadas em relação às novas situações.

No Norte predominava a tradição da alta Igreja (*High Church*, não se consideravam "anglo-católicos" - esse termo ainda não havia surgido) liderada pelo Bispo Hobart de Nova York. Ele distinguia cuidadosamente a responsabilidade religiosa e o dever cívico. Também acreditava que a sucessão apostólica tinha suprido a Igreja com verdades mais profundas do que um processo democrático pode proporcionar. A hostilidade das Igrejas não-episcopais ao episcopado durante a Guerra da Independência levou-o a desconfiar do envolvimento da Igreja nas questões políticas. Mas essa tradição foi desafiada na Guerra Civil. Os sucessores do Bispo Hobart não podiam ficar indiferentes diante dos sofrimentos da Guerra. Tanto assim que a Câmara dos Bispos no Norte redigiu Cartas Pastorais endossando a causa advogada pelo Norte. A Paróquia da Trindade em Nova York começou a hastear a bandeira americana.

No lado evangélico houve, em primeiro lugar, enfraquecimento. A Guerra separou os evangélicos do Norte e Sul. Muitos participaram das batalhas. O Bispo Leonidas Polk, da Louisiana serviu como general de brigada e morreu na batalha. Com a derrota do Sul, os episcopais evangélicos perderam prestígio, recursos financeiros e o controle das instituições educacionais. Também aconteceu nessa época a dissidência de um pequeno número de clérigos



liderados pelo Bispo George David Cumins (1822-1876) de Kentucky e de presbíteros da área de Chicago, que formaram uma igreja denominada de "Episcopal Reformada" (1873), que existe até hoje.

III. NOVAS OPÇÕES PARA A IGREJA EPISCOPAL

Católicos evangélicos e católicos anglicanos

Neste período foi grande a contribuição de William Augustus Muhleberg (1797-1877) e de grupos de teólogos da Universidade de Cambridge, na Inglaterra. Os dois grupos se inspiraram nesses teólogos.

Na época em que, na Inglaterra, os membros do movimento de Oxford estavam preocupados com a sucessão apostólica do ministério e com a relação entre Igreja e Estado, os teólogos de Cambridge se interessaram muito mais pela liturgia. Entre eles figurou John Mason Neale (1818-1866) que, com outros, fundou a Sociedade Camdem, de Cambridge. Inicialmente, eles andaram fazendo excursões pelas igrejas inglesas. Quando viram em alguns lugares, o altar e o presbitério fechados com grades, (hoje se diria muito distante do povo) e as cadeiras inadequadas, começaram a promover uma campanha pela reforma litúrgica. Havia entre eles dezesseis bispos e dispunham de certos recursos financeiros. Fundaram uma revista com o nome de *Eclesiólogo*.

Esse grupo examinou cuidadosamente a liturgia e a arquitetura da época e do passado e fez sugestões para o uso de ornamentos e vestes que, em muitas partes da Inglaterra, haviam sido abandonados. Na época, o uso de vestes corais era uma novidade. Também começou a mudança nas vestes clericais. Tudo indica que nessa época o colarinho clerical (clergyman) foi introduzido na Igreja Episcopal. Capa e vestes eucarísticas foram permitidas. O então Bispo-Presidente, John Henry Hopkins, em sua obra, *Leis do Ritualismo*, recomendava o uso dessas referidas vestes, embora afirmasse que o incenso, as orações cantadas e as velas baseadas nos modelos do Antigo Testamento não são obrigatórios. Todas essas mudanças não obrigatórias causaram incompreensões, debates e outras coisas que nos parecem até estranhas hoje. É natural que isso tenha acontecido, pois para uns essas coisas externas tinham muito sentido, enquanto para outros eram indiferentes. O importante é que, gradualmente, essas questões deixaram de ser questões maiores.

Foi, também, nessa época que o estilo gótico veio a ser popular na Igreja Episcopal. O Bispo Hopkins em sua obra, *Arquitetura Gótica* deu a entender que esse estilo começou a ter influência ao mesmo tempo na Inglaterra quanto na América. No Seminário Geral, em Nova York, houve a formação de uma



entidade com o nome de Sociedade Eclesiológica, que fazia a promoção do estilo gótico. Dois arquitetos se destacaram: Richard Upjohn (1802-1878) e Henry Congdon (1834-1922). Upjohn foi o fundador e primeiro presidente (1857-1876) do Instituto Americano de Arquitetura. Ele planejou a construção de um novo edifício da Paróquia da Trindade em Wall Street, Nova York. Congdon foi o responsável pela construção de mais de vinte e cinco Igrejas entre 1860 a 1900.

No período em pauta, foi reiniciada a prática das Orações diárias. Por exemplo, Augustus Muhleberg introduziu essa prática das Orações Diárias e a celebração eucarística dominical. Foi ele quem, na Paróquia de Santa Comunhão, em Nova York, introduziu as vestes para o coro. Ele como um católico evangélico preservou a ênfase da experiência pessoal no contexto da Igreja como a comunidade que propicia, ajuda e ampara a experiência pessoal da salvação. Por isso, a liturgia era importante para ele. A liturgia e a comunhão fraterna eram para ele esse contexto.

Muhleberg defendeu o ecumenismo mais com as Igrejas protestantes. Era mais uma questão de ênfase. No outro lado, o catolicismo anglicano advogava o ecumenismo mais com as Igrejas Católica romana e Ortodoxa. Esse ecumenismo era mais a busca do reconhecimento da validade das ordens anglicanas por parte da Igreja Católica Romana. Os mais extremados pensavam numa eventual aceitação por essa Igreja. Por isso, qualquer semelhança com as Igrejas protestantes não era conveniente, do ponto de vista estratégico. Diga-se de passagem, que a visão anglicana do ecumenismo nos dias de hoje é mais inclusiva, e mais consciente de sua identidade própria do que naquela época.

No que se refere à sucessão apostólica, Muhleberg demonstrou a abrangência desse conceito expresso, atualmente, nos Acordos entre anglicanos britânicos e luteranos escandinavos e dos Estados Bálticos. Isso pode ser observado numa intervenção que ele fez na época. A revista *Episcopal Church Review* criticou um artigo de um professor do Seminário Reformado Alemão de Mercersburg, John W. Nevin (1803-1886) que falava que a sucessão apostólica é mais do que a sucessão do ministério. Diante dessa crítica por parte da revista episcopal Muhleberg escreveu que a posição do professor Nevin estava correta.

Foi ele quem, também, escreveu à Câmara dos Bispos um manifesto no sentido de que a Igreja liberalizasse a rigidez dos ofícios litúrgicos e formasse uma instituição que pudesse abrigar as Igrejas que desejassem a sucessão apostólica. A Câmara nomeou uma comissão para publicar as Memórias de Muhleberg. Na época as idéias desse teólogo foram muito lidas, tanto assim que pessoas de certo peso vieram se enfileirar no ministério da Igreja e



contribuir para uma liturgia mais dinâmica. Um deles foi um ex-Quaker, Potter cujo sogro foi um conceituado ministro da Igreja Congregacional.

Alonzo Potter - que mais tarde foi eleito bispo de Pensilvânia - como Muhleberg ampliaram o sentido do ministério incluindo a diakonia. Em outras palavras, como diziam eles, era preciso que o Evangelho tenha impacto em todos os aspectos da vida. Por isso, falar contra a escravidão fazia parte do ministério da Igreja. Do mesmo modo, ajudar a organizar um hospital, visitar os encarcerados, tudo isso fazia parte do ministério. Nos Ordinais dos Bispos, dos Presbíteros e dos Diáconos constam essas dimensões do ministério. Não importa qual seja o nome que se dá (pastoral, ministério e outros), o ponto central é a interpretação e proclamação do Evangelho em atividades práticas. Ambos também perceberam a importância de proclamar e evangelizar para além das fronteiras geográficas, às quais a Igreja estava acostumada. Potter faleceu em 1856, mas sua visão entrou na vida da Igreja e de seus familiares. Seu irmão Horatio Potter (1802-87) e seu filho Henry Codman (1835-1908) foram sucessivamente bispos de Nova York.

Outro colega de Muhleberg foi James Craik. Este fez duas contribuições importantes. Uma se refere à substituição das cadeiras cativas, pagas pela oferta voluntária para o sustento da Igreja. Tudo indica que era a prática das Igrejas em geral, se sustentar financeiramente com o aluguel das cadeiras. A outra foi introdução da teologia de F.D. Maurice (1805-72) na América e o seu uso para a fundamentação do catolicismo evangélico. Craik viu no *Reino de Cristo* (1837), o conceito da Encarnação para ampliar o sentido da experiência pessoal. Para Maurice, a vinda de Cristo em carne transformara não só o caráter das pessoas, mas também as instituições, as relações entre as pessoas e povos, as instituições e a natureza. Para ele o esforço cristão de enfrentar, seriamente, os problemas da sociedade humana não consiste simplesmente em elaborar as conseqüências lógicas da conversão pessoal. Era preciso participar da Encarnação. É isso que ele escreveu em *Divina Vida e o Novo Nascimento* (1869). Isso libertaria, na sua visão, a Igreja do debate sobre a prioridade do Batismo ou da Conversão pessoal e focalizaria a atenção no trabalho da Igreja no mundo.

No catolicismo anglicano - que se referiam a si mesmo também como membros avançados da Alta Igreja (High Church) e "ritualistas"- havia homens destacados como James DeKoven (1831-1879), presidente de Racine College em Wisconsin. Havia John Henry Hopkins (1820-1891) clérigo e músico, (autor do hino: Eu canto a glória dos grandes santos) Charles G. Crafton, que deixou suas marcas na Igreja do Advento, em Boston e veio a ser o 2º bispo de Fond du Lac. Diga-se de passagem, os católicos anglicanos em Nova York, fizeram das paróquias de Santa Maria Virgem e Santo Albano as bases de seu



movimento. O Norte de Wisconsin e a diocese de Fond du Lac vieram a ser, também, suas bases.

Tanto os católicos evangélicos quanto os católicos anglicanos tinham muita coisa em comum. Se não fosse assim, não estariam na mesma Igreja. Por exemplo, o desejo de fazer a conexão entre a diaconia e a vida de comunidade religiosa. No lado do catolicismo anglicano iniciou-se o reavivamento das ordens monásticas em torno de *Nashotah House*. No lado do catolicismo evangélico houve a iniciativa de comunidade de diaconisas nos moldes luteranos da Alemanha. Por outro lado, foi Muhlemberg que admitiu a primeira freira após a Reforma do século XVI. Houve ainda, de ambas as partes, boa acolhida de experiências litúrgicas ocorridas na paróquia de Muhlemberg.

Outro ponto em comum era a teologia da Encarnação. Mas os católicos anglicanos estavam muito mais inclinados para a *Doutrina da encarnação* da autoria de Robert Isaac Wilberforce de Oxford (1848) do que para Maurice. Wilberforce deu mais ênfase à extensão da Encarnação e ao sistema sacramental. Ao passo que Maurice deu mais destaque à Igreja como conseqüência da Encarnação e colocou o reinado de Deus diante da Igreja. Deu mais lugar à posição profética diante da Igreja como instituição.

Por outro lado, os anglicanos católicos, os "*High Church* mais avançados" como se denominavam, se diferiam não só dos católicos evangélicos, mas também do grupo dos *High Church* tradicionais. Tanto assim que os últimos eram chamados pelos católicos anglicanos de "alto e seco" (*high and dry*). Essa diferença se pode observar em dois pontos: primeiro, os católicos evangélicos, os evangélicos e os *High Church* se uniram na proibição da Adoração do Sacramento. Isso aconteceu na Convenção Geral de 1871; segundo, o corpo docente de *Nashotah House*, que sempre defendeu os princípios católicos dentro do anglicanismo, (que, na época, era *High Church*) por duas vezes, barrou a eleição de DeKoven (representante dos católicos anglicanos) para a diocese de Wisconsin (1874) e de Illinois (1875).

É característica anglicana evitar os extremos e construir o espaço para a inclusividade como identidade própria. Para tanto, a Primeira Conferência de Lambeth (1867) teve papel decisivo. No entanto, nos Estados Unidos, essa inclusividade foi trabalhada por Muhlemberg e, também, por William I. Kip (1811-1893).

Quem escreveu uma obra sobre a vida e trabalho de William Augustus Muhlemberg foi a primeira freira anglicana acima mencionada. Anne Ayres, uma britânica que mudou-se da Inglaterra para Nova York com 20 anos de idade e se tornou paroquiana de Muhlemberg. Ali ela foi admitida por meio dele para uma ordem monástica.



William Augustus Muhlemberg

Em primeiro lugar, Anne Ayres destaca, em *A Vida e Obra de William Augustus Muhlemberg*, o interesse educacional desse clérigo concretizado em vários lugares por onde passou. Após essa exposição, ela passa falar na Paróquia da Santa Comunhão. O diálogo entre Dr. Seabury e Muhlemberg observado pela autora mostra qual era a intenção teológica. Dr. Seabury perguntou a Muhlemberg por que você não muda o nome da paróquia para a "Paróquia do Santo Sacramento?" A escolha do nome "Santa Comunhão" visa a construção da comunidade fraterna na qual o sacramento é instrumento. Certamente, essa visão instrumental estava de acordo com Thomas Cranmer e Richard Hooker e a Oração Eucarística clássica do anglicanismo: "...te dignes abençoar e santificar com teu Espírito Santo este pão e vinho, para que nós, revestidos de tua graça e bênção celestial, sejamos unidos com Cristo em tua santa Igreja..." e na Oração pós-Comunhão: "...possamos perseverar em tua Santa Igreja, e fazer todas as boas obras que para nós preparaste..."

No lançamento da pedra fundamental da Igreja em 24 de julho de 1844, Muhlemberg disse: "seja este santuário a Igreja da Santa Comunhão, uma idéia formadora e sustentadora da Igreja". Nessa noção formadora estava incluída a idéia da Igreja como a fraternidade e expressão mais reverente de adoração do que se vê costumeiramente. Então, ai está a noção da Igreja como comunhão e da liturgia como sua expressão e instrumento.

Essa fraternidade inclusiva pretendeu ser, também, igualitária. De acordo com Anne Ayres, Muhlemberg disse ainda, no lançamento da pedra fundamental da Igreja da Santa Comunhão: "...como cristãos não traremos as diferenças oriundas de prestígio, orgulho e de riqueza para a Mesa do Senhor, e nos lembremos de que, na comunhão em Cristo, na redenção comum, os altos, baixos, ricos e pobres estão em volta da Sagrada Mesa. Por isso, que prevaleça a mesma fraternidade e que não haja lugar para as diferenças de níveis sociais nesta paróquia".

Há indicações de que a paróquia foi uma doação de uma das irmãs de Muhlemberg. Inicialmente, ela entregou sua administração a uma junta para sua administração, da qual ele fazia parte. Por isso, a paróquia não fazia parte do concílio da diocese de Nova York. E Muhlemberg trabalhou para que ela viesse a ser parte da diocese com seguintes proposições:

- A paróquia deve ser administrada por uma junta de comungantes eleitos pelos membros comungantes;
- A paróquia só pode estar na comunhão maior mediante a comunhão dos paroquianos e do pároco com o seu bispo e, assim, preservar sua unidade aderindo à comunhão dos apóstolos.



O Dr. Muhleberg também se interessou pelo simbolismo e pela arquitetura gótica. No que se refere ao simbolismo interno da Igreja, esse foi realmente expressão do catolicismo evangélico. Debaixo da Cruz pendurada, fica a Mesa do Senhor com a Bíblia sempre aberta e a alfaia com os dizeres: "Fazei isto em memória de mim". A janela do transepto sul (o braço da Igreja na forma da cruz) tinha no centro um círculo com três figuras: do Cristo como Profeta, Sacerdote e Rei, e três ordens de ministério e no centro do círculo, a frase: "Tudo em todos".

Na escola que Muhleberg dirigia, ele imprimiu nos estudantes o espírito de compaixão e solidariedade. Um dia ele soube que os imigrantes alemães em Nova York estavam em miséria. Reuniu então os estudantes e perguntou o que eles desejariam fazer pelos imigrantes. Então, um começou a dizer: "eu dou tanto dólares" e outros mais e ainda outros menos. Mas, no momento, eles não tinham muito dinheiro, porque era o regulamento da escola que os estudantes não podiam andar com muito dinheiro. Certamente, eles podiam mandar a conta para os pais e assim ajudar os imigrantes. Porém Muhleberg queria que os estudantes dessem alguma coisa de si mesmo. Por isso, sugeriu que eles quisessem ofertar seu jantar durante alguns dias. Tudo isso demonstra as características do catolicismo evangélico que Muhleberg estava propondo.

Busca de identidade anglicana em relações ecumênicas

Até o início do século XIX uma grande maioria dos episcopais ou anglicanos norte-americanos teria concordado com a visão de que o anglicanismo estava mais próximo da tradição reformada exposta na *História Eclesiástica* da autoria de John Lawrence Mosheim, largamente em uso nos seminários. Por volta de 1840, o bispo John Williams de Connecticut preparou a edição americana da *Exposição dos Trinta e Nove Artigos*, de autoria de Edward Harold Browne, em que ele demonstra que os *Trinta e Nove Artigos* mostram maior proximidade com os luteranos do que com os calvinistas. De fato, hoje se sabe que os *Trinta e Nove*, embora alguns vejam maior proximidade com os Artigos de Wurtemberger, redigidos pelos anglicanos influenciados pelo luteranismo na época de Thomas Cranmer.

Também, em 1862 a Convenção Geral estabeleceu uma comissão para explorar as relações com a Igreja da Suécia. Na Conferência de Lambeth em 1867 (a primeira) aprovou-se uma resolução de procurar estabelecer relações ecumênicas com a Igreja da Suécia (Luterana). Atualmente, as Igrejas anglicanas das Ilhas Britânicas e da Irlanda e as Igrejas luteranas da Escandinávia e dos Estados Bálticos estão em plena comunhão sem fusão das



Igrejas, mas com toda a diversidade em hospitalidade eucarística, intercâmbio de ministérios, e de consulta mútua, participação mútua dos bispos na ordenação dos bispos e na Câmara dos Bispos de ambas as partes. Também, na mesma Convenção Geral, foi criada a comissão para iniciar diálogos bilaterais com as Igrejas Ortodoxas.

Houve quem estivesse mais atraído para a tese de James DeKoven, de que a Igreja afirma mais a tradição católica e por isso, deveria eliminar do nome oficial o termo "Protestante". Mas não foi nessa Convenção que essa proposta conseguiu ser aprovada.

Nessa época alguns advogavam a tese de que a Igreja Episcopal deve se distinguir da tradição reformada e também da tradição católica romana. Ela tem identidade própria. Um deles era William I. Kip (1811-1893) que escreveu *Testemunho Duplo da Igreja* (1843). E a Conferência de Lambeth (1867) deu aos bispos a tranqüilidade e confiança no sentido de que a Comunhão Anglicana tem característica própria e pode conversar com todas as tradições cristãs sem a necessidade de querer parecer com esta ou aquela tradição cristã.

O relatório de Lambeth de 1908, na sessão sobre o ecumenismo (na época, a terminologia era "reunião das Igrejas") diz, em continuidade com as Conferências de 1888 e 1897, que "... expressa interesse pelo assunto" e relata "a recepção de carta afetuosa do Arcebispo de Upsala". Também designa uma comissão para estudar "a vida e doutrina das Igrejas Ortodoxas do Oriente" (Seis Conferências de Lambeth, 1867 a 1920, pp.316-17). Em 1995, a Igreja da Inglaterra e a Igreja Moraviana assinaram acordo, em que as ambas as Igrejas reconhecem uma a outra como pertencentes à Igreja Una Santa, Católica e Apostólica, reconhecendo o ministério de uma e de outra, sendo intercambiáveis os ministros ordenados entre as duas Igrejas. (*Anglican-Moravian Conversations – The Fetter Lane Common Statement with Essays in Moravian and Anglican History*, GS 1202 1996).

Texto interrompido